

Brasil, 21 de abril

ADEUS



André Gustavo Stumpf
de Washington

«Eles sempre me pegam», costumava lamentar-se o político Tancredo Neves, que viveu situações limite em uma vida marcada pelo sucesso e pela tragédia. A euforia e a profunda depressão andaram de mãos dadas ao longo desta riquíssima experiência, desta biografia que encerra cinquenta anos de competência política, e guarda a história do Brasil moderno, entre bons e maus humores. Dr. Tancredo não morreu: ele virou estrela, constitui parte, agora, do firmamento, e de lá, com sua ironia, misturada a mordacidade nas observações, vai comandar os destinos deste País.

«Eles sempre me pegam» significava que os poderosos terminavam por enxergar nele uma ameaça — pois o mineiro discreto, articulador brilhante, negociador de todos os méritos, sabia costurar alianças, sabia o momento de ir e o momento de recuar. Por vezes, o pegaram, sempre na penúltima situação antes de

chegar ao poder. O Tancredo de agora, esse «mineirinho» simpático, jeitoso, maneiroso, tem pouco a ver com aquele que ficou dez anos calado. Fico pensando que o povo sabe disto, soube apreciar nele a capacidade de suportar dificuldades e privações. Quem se lembra de que ele era o líder do Governo João Goulart, na Câmara dos Deputados? Pouca gente. Uma vez perguntei a ele o que fizera nos anos seguintes à revolução. Ele me respondeu de pronto: fiquei calado. Na verdade, esse impressionante político ficou dez anos calado, entre 1964 e 1974. Quando o general Ernesto Geisel chegou ao poder ele abriu a boca. O general Geisel havia sido seu interlocutor na mediação da crise entre militares e civis que desaguou na posse parlamentarista de João Goulart.

Desta vez o destino pegou Tancredo Neves a meio do caminho. Não permitiu que ele terminasse o ato político perfeito de uma transição sem traumas. Mas, como bom profissional, a transição foi feita antes de o governo tomar posse. Em verdade, a

grande demonstração de habilidade já havia sido dada. A transição política merecia e teve, nele, o ator principal. Em torno de Tancredo giraram as hipóteses, as dúvidas e mais tarde as certezas. Seu governo seria, enfim, o seu desgaste, pois o importante já estava realizado. A obra maior tinha sido montada. Nesta longa agonia, que emocionou o País e o mundo, ele apenas demonstrou a requintada arte de preparar o País para mais uma jornada, que será vivida sem a sua presença. A transição política, obra de um político de grande competência, está realizada. Agora, compete a nós, seres comuns, implementar o que antes foi idealizado.

Numa entrevista, antes da eleição de 1982, o então possível candidato ao governo de Minas Gerais, me declarou ter em Getúlio Vargas seu maior ídolo: «Foi a maior figura da história republicana do Brasil». Tancredo Neves tinha mandado recondição a caneta com a qual Getúlio assinou a carta-testamento. Ele pretendia, com ela, assinar seu termo de posse. O destino, às vezes, pro-

move situações trágicas e essa é sem dúvida, uma delas. Tancredo não utilizou a caneta de Getúlio Vargas, mas subiu ao céu como aquele que mais admirou em vida. Trata-se de uma reencenação sem que haja farsa. Ele é o herói da transição, ele é o herói do Brasil dos anos oitenta. Tancredo Neves é a Nova República, que não vai morrer por ser uma obra política perfeita. Os governos de exceção, as ditaduras de plantão com seus juristas de aluguel, pertencem a um passado remoto.

A história política do Brasil é uma história repleta de traumas, cheia de dramas. O episódio do Dr. Tancredo não constitui drama, nem um trauma. Ele, apenas, mudou de dimensão. Descansou, depois de um trabalho sem retoques, impossível de ser criticado. Esse Dr. Tancredo, personagem de tantas histórias, capaz de tantos acordos, sagaz para tantas negociações; esse Dr. Tancredo, que nos enche os olhos de lágrimas, saiu da vida para entrar na história. Ele não morreu, virou estrela. Foi para o céu. Vida longa ao Dr. Tancredo.

Cessou ontem o sofrimento ininterrupto do presidente Tancredo Neves no Instituto do Coração, em São Paulo. Ele faleceu às 22h23m após sete cirurgias, diagnósticos controversos e tratamentos intensivos, totalizando 39 dias de internamento. A notícia do falecimento foi dada pelo porta-voz da presidência da República, jornalista Antônio Brito, e provocou a maior manifestação popular já vista em frente ao Instituto do Coração, com as pessoas se dividindo entre o choro sentido e o desespero. O desfecho que a Nação tanto temia veio encerrar um período em que os brasileiros tinham todas as suas energias voltadas para a recuperação do presidente, cuja via crucis começou exatamente na véspera de ser empossado, a 14 de março.

Internado às pressas no Hospital de Base de Brasília, no início da madrugada do dia 15, Tancredo sofria a primeira cirurgia em função de um problema diagnosticado como diverticulite. Foi só então que os médicos revelaram a necessidade do presidente ter sido operado há mais tempo. Uma obstrução intestinal leva à segunda cirurgia, já sob a responsabilidade de nove especialistas vindos de outros Estados, e a partir daí — entre notícias que vão de um otimismo suspeito a vaga linguagem dos boletins médicos — Tancredo é transferido para o Instituto do Coração. Ao cabo de mais cinco cirurgias, porém, com os órgãos revelando insuficiência total — apesar do uso de aparelhos auxiliares — um especialista norte-americano confirma: os tratamentos são corretos, mas a esperança é quase nula.

O corpo do presidente Tancredo Neves será levado hoje pela manhã de São Paulo a Brasília, em caixão sobre um carro do Corpo de Bombeiros, depois de celebrada missa de corpo presente em São Paulo. O corpo ficará em Brasília até quarta-feira, sendo transladado para São João Del Rey. O presidente José Sarney falou à Nação e assegurou que, «com todas as forças da coragem e da vontade, o legado de Tancredo continuará vivo». Também decretou luto oficial de oito dias. Embora as autoridades tenham recomendado que não haja manifestações públicas na chegada do corpo a Brasília, a cidade já chora, desde ontem, em cortejos, a morte do artífice da Nova República. Coincidentemente, no mesmo dia em que, há tantos anos, falecia o mártir da Inconfidência Mineira.